

Pensar o Centro Histórico de Manaus frente ao processo de normatização: relatos, memórias, vidas e vindas

Thinking about the Historic District of Manaus in the face of the regularization process: Narratives, memories, lifes and paths

Matheus Cássio Blach

Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável
Universidade Federal de Minas Gerais
matheus@patrimoniocultural.com.br

Mauro Augusto Dourado Menezes

Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia
Universidade Federal do Amazonas
mauroadourado@gmail.com

Leandro Eustáquio Gomes

Doutorado em Antropologia Social e Cultural
Universidade de Coimbra
leandroegomes@gmail.com

Yara Araújo Magabi

Graduada em Turismo
Universidade do Estado do Amazonas
yara01magabi@gmail.com

Luciane da Silva Queroga

Graduada em Turismo
Universidade do Estado do Amazonas
lucianne.queroga@gmail.com

Rebeca Nunes de Melo

Graduada em Turismo
Universidade do Estado do Amazonas
rnm.tur18@uea.edu.br

Silvio Márcio Freire de Alencar Filho

Graduando em Turismo
Universidade do Estado do Amazonas
s.maff19@gmail.com

Recebido em: 02/03/2020

Aprovado em: 02/04/2020

Resumo: O Dossiê de Tombamento do Centro Histórico de Manaus/AM, produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, ao tempo em que apresenta os critérios que subsidiam a escolha do sítio urbano como objeto de salvaguarda, lança o desafio da gestão desse espaço enquanto patrimônio cultural a partir de normas que visam regulamentar o processo de “fazer a cidade”. Este trabalho apresenta as abordagens desenvolvidas no processo de normatização do Centro de Manaus. Inclui a realização de uma pesquisa social que visa levantar dados para compatibilizar em normas o olhar técnico ao da percepção social. Nesse sentido, a abordagem coopera para “pensar a cidade” gerando uma aproximação do olhar daqueles que percebem, atribuem valores e apropriam-se dos bens edificados e espaços do centro histórico, os detentores. Em suma, essa experiência, que ora se relata, endossa o debate em torno da política do patrimônio cultural urbano e a sua relação intrínseca aos aspectos da cultura imaterial que lhe garantem valor e reconhecimento.

Palavras-chave: Patrimônio cultural; normatização de centros históricos; Manaus/AM.

Abstract: The research that underlies the protection of the Historic District of Manaus / AM, produced by the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, while presenting the criteria that support the choice of the urban site as an object of safeguard, poses the challenge of management of this space as Cultural Heritage based on rules that aim to regulate the process of “making the city”. This article presents the approaches developed in the regularization process of the Center of Manaus / AM, which included the realization of a social research that aimed to gather data to make technical perspectives compatible with that of social perception. In this sense, the approach cooperated to “think the city” generating the approach to those who perceive, attribute values and appropriate the cultural assets and spaces of the historic district, the citizens. In short, this experience that is now reported, endorses the debate around the policy of urban cultural heritage and its intrinsic relationship to the aspects of immaterial culture that give it value and recognition.

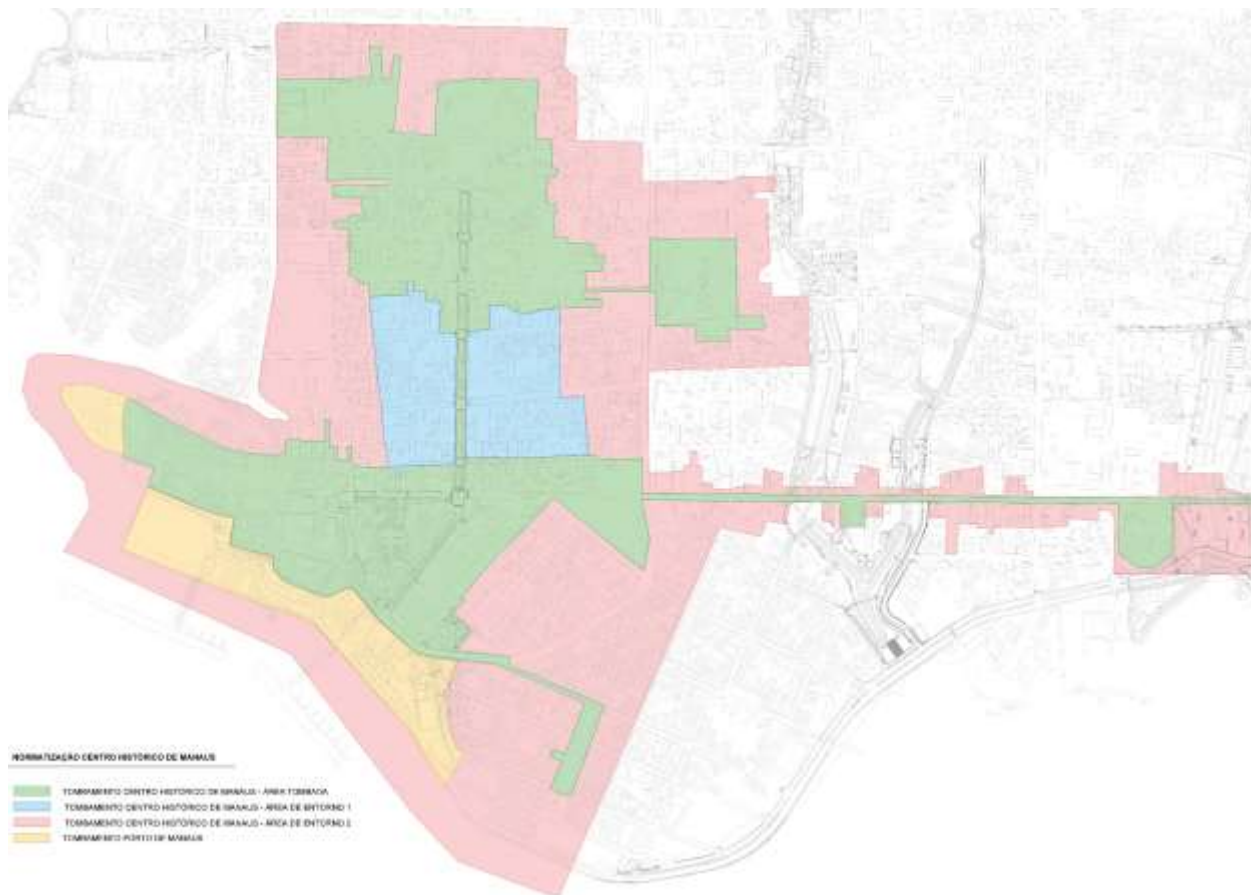
Keywords: Cultural Heritage; regularization of historic districts; Manaus/AM.

Introdução

O presente artigo resulta de uma pesquisa mais ampla, denominada “Olhares sobre Manaus: atributos e qualidades que conferem valores ao Centro Histórico”, realizada no âmbito do Processo de Normatização do Centro Histórico de Manaus, promovido pela Superintendência do Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), no Amazonas¹. O objetivo aqui proposto é de apresentar parte dos resultados dessa pesquisa, bem como as metodologias adotadas.

Mapa 1: Poligonal de Tombamento do Centro de Manaus



Fonte: Acervo da Superintendência do Iphan no Amazonas.

O Centro Histórico de Manaus é representativo de diversas camadas temporais pelas quais a cidade passou: seu traçado mantém relações diretas com o traçado do período provincial; a arquitetura apresenta demonstrativos de múltiplos contextos artísticos e de variados processos de

¹ A pesquisa foi coordenada pelos técnicos da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no Amazonas, o historiador Matheus Cássio Blach e o antropólogo Mauro Augusto Dourado Menezes. A equipe de pesquisa foi composta também, pelos estagiários do Laboratório de Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (Labotur/UEA), por meio da parceria entre o Iphan e a rede Observatur da UEA, Yara de Araújo Magabi, Luciane da Silva Queroga, Rebeca Nunes de Melo, Sílvio Márcio Araújo Freire de Alencar Filho. A pesquisa contou com o apoio e participação do Prof. Dr. Leandro Eustáquio Gomes.

transformação; oferece uma porção urbana formada por edificações do período reconhecido como “ciclo da borracha” - *belle époque* - mesclada a edifícios modernos e contemporâneos².

O sítio urbano tem seu valor histórico e paisagístico reconhecido pelo Iphan como Patrimônio Cultural do Brasil e está em processo de inscrição nos Livros do Tombo. O Dossiê de Tombamento (IPHAN, 2010) é fruto de uma ampla e aprofundada pesquisa a respeito dos valores que o bem cultural representa e que se pretende preservar, relacionando de forma exemplar a história urbana da cidade com o conceito de patrimônio cultural.

Assim, mediante o entendimento da importância econômica, social e cultural que o ciclo da borracha representou para formação da identidade nacional brasileira, o Centro Histórico de Manaus passou a ser tutelado pelas políticas públicas de Patrimônio Cultural Federais por ter sido considerado um registro exemplar desse momento histórico pelo qual o país passou.

No entanto, o Dossiê de Tombamento, ao tempo em que apresenta os critérios que subsidiaram a escolha do sítio urbano como objeto de salvaguarda, lança o desafio da gestão deste espaço enquanto patrimônio cultural a partir de normas que visam regulamentar o processo de “fazer a cidade”. Tais normas servem como um embasamento inicial para gestão, sendo necessária a continuidade do processo de “pensar a cidade”, ou seja, a realização de pesquisas e ações que visem contribuir para compreensão da percepção das referências culturais, da apropriação social e da elaboração de um plano de gestão continuado para o lugar:

Lugares são espaços físicos imbuídos de significação cultural, aos quais são atribuídos valores. No Brasil, o termo se integrou definitivamente ao vocabulário patrimonial em 2000, a partir do Decreto nº 3.551 [...] A espacialização opera como uma unidade que agrega os referenciais tangíveis e intangíveis; e estes existem de determinado modo porque se realizam naquele espaço. Essa é a dimensão múltipla que a categoria procura abranger. (TEIXEIRA, Luana. S/d).

Desse modo, para se chegar ao plano de gestão, iniciou-se o procedimento de elaboração de uma Portaria Normativa que definirá os parâmetros para essas intervenções nos recortes geográficos

² Manaus é a Capital do Estado do Amazonas e segundo dados do IBGE Cidades possui população estimada em 2.182.763 habitantes e território de 11.401,092 KM². Localizada no “coração da Amazônia” a cidade foi uma das protagonistas do período econômico do ciclo da borracha (1879-1912 / 1939-1945) em que o Brasil se tornou um grande produtor do látex da seringueira e produtor da borracha. Neste contexto a cidade também se tornou uma das protagonistas da Belle Époque brasileira (1870-1922), período de reconhecida cultura cosmopolita com transformações no campo das artes, na cultura, na tecnologia e na política do país.

denominados de poligonal de tombamento e poligonal de entorno (MAPA 1).³ Assim, o presente artigo resulta da pesquisa que visa colaborar com esse Processo de Normatização do Centro Histórico de Manaus, fornecendo dados e análises a respeito da percepção que os próprios detentores têm desse bem cultural.

Abordagens metodológicas

Por se tratar de um objeto tão cheio de nuances sociais (histórias, memórias, apropriações, referências culturais etc.), compreendeu-se que um estudo no/do Centro Histórico de Manaus demandaria mais de uma abordagem metodológica. Segundo o sociólogo francês Michel Maffesoli (*apud* FREIRE, 1997), a compreensão do social não deve ser sustentada sobre uma prática instrumental. Se o objeto é indisciplinado, complexo e diverso, o método deve misturar diversas abordagens.

A historiadora Núncia Constantino (2004) destaca que, ao se tratar de realidades locais, a viabilidade da pesquisa “quase sempre” se dá por meio do método qualitativo. A autora analisa os possíveis caminhos metodológicos para a pesquisa em História e em Ciências Sociais. Apresenta, primeiramente, o método quantitativo utilizado desde fins do século XIX e constantemente renovado devido aos “[...] avanços tecnológicos em geral e da informática em particular [...]” (CONSTANTINO, 2004, p.163). O método quantitativo mostra-se apropriado “[...] quando existe a possibilidade de medidas quantificáveis de variáveis e inferências a partir de amostras de uma população [...]” (DIAS, 2000 p.1). No entanto, Constantino (2004 p.163) afirma que é um método que:

[...] revela limites intransponíveis quando o pesquisador depara com omissões ou imprecisões das fontes, ou quando pretende investigar em torno de gente comum, categoria praticamente ignorada pelos critérios oficiais que nortearam as séries documentais produzidas no passado.

Desse modo, buscando superar os desafios colocados pelas limitações das pesquisas de cunho quantitativo, a pesquisa qualitativa “[...] caracteriza-se, principalmente, pela ausência de medidas numéricas e análises estatísticas, examinando aspectos mais profundos e subjetivos do tema em estudo [...]” (DIAS, 2000, p.1). Assim, nas últimas décadas, foram desenvolvidas novas

³ Todos os mapas apresentados nesse artigo e outros complementares podem ser baixados em alta resolução no formato .pdf por meio do link: [Google Drive](#)

concepções teóricas que levaram a uma aproximação das análises qualitativas. “Contestou-se a eficiência das minúcias de uma análise de frequência, como prova de objetividade e de científicas [...]” (CONSTANTINO, 2004 p.164), buscando maior profundidade interpretativa no trato das fontes. Ocorreu o desenvolvimento de uma nova metodologia que atende à “[...] reivindicação do individual, do subjetivo, do simbólico como dimensões necessárias e legítimas da análise histórica [...]” (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 22-3).

Enquanto o método quantitativo privilegia a frequência em que se manifestam determinadas características do processo analisado, o método qualitativo busca identificar e analisar em profundidade tais características, inclusive suas ausências.

De forma geral, os métodos qualitativos são menos estruturados, proporcionam um relacionamento mais longo e flexível entre o pesquisador e os entrevistados, e lidam com informações mais subjetivas, amplas e com maior riqueza de detalhes do que os métodos quantitativos. (DIAS, 2000, p.2).

Ao incluir as ausências como item de análise, o método qualitativo possibilita levantar questões fundamentais em relação às subjetividades que permearam a produção das fontes consultadas, seja por meio das omissões que as caracterizam e que podem ser comparadas com outras fontes; ou por meio das intencionalidades presentes nas informações afirmativas que as fontes trazem, do passado e de diferentes contextos sociais. Assim, buscou-se nesta pesquisa levantar hipóteses a partir também dos indícios encontrados.

O “paradigma indiciário” é descrito a partir do chamado Método Morelliano, utilizado nas artes plásticas para atribuir autoria a quadros não assinados. A partir deste método, para outorgar corretamente autoria a tais obras, mais do que ter visão total da obra, seria preciso prestar atenção aos detalhes, aos “[...] pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia [...]” (GINZBURG, 1989, p. 144). Agentes sociais, que anteriormente ficavam à margem dos olhares acadêmicos da História e das Ciências Sociais, em nome da generalização promovida pelo método quantitativo, deslocam-se para o centro das investigações de cunho indiciário.

Assim, a partir dessa análise, conclui-se que, para se alcançar abrangência e, ao mesmo tempo, profundidade analítica satisfatória para atender aos objetivos da pesquisa, necessitam-se produzir e consultar dados de bases quantitativas e qualitativas. Entende-se que a análise fundamentada em

dados provindos dessas duas abordagens (qualitativa e quantitativa) é complementada e enriquecida. As informações ligadas à frequência permitem, como será demonstrado, identificar indícios do grau de importância que determinados bens culturais têm nos aspectos da vida cotidiana no Centro de Manaus, bem como questionar os porquês das presenças, das ausências e das omissões. Desse modo, destaca-se aqui o caráter interdisciplinar dessa pesquisa e seu alinhamento com perspectivas ligadas a chamada História Cultural.

Entendemos a história cultural não como uma “virada de mesa” com relação a pressupostos teórico-metodológicos, mas como uma nova abordagem, ou um novo olhar que se apoia sobre as análises já realizadas, e, por sua vez, avança dentro de um determinado enfoque. Neste sentido, a história cultural realmente vem se somar ao conhecimento acumulado, sem voltar as costas a uma matriz teórica, fruto de uma reflexão cumulativa. (PESAVENTO, 1995 p. 279-280)

Cabe ressaltar que a prática de uma pesquisa participativa privilegia, acima de tudo, a escuta atenta de diversos atores, aqui denominados de “detentores”. Os detentores foram considerados como aqueles agentes socioculturais que se apropriam simbolicamente, utilizam, trabalham, vivenciam, moram ou são, de fato, proprietários de imóveis no Centro Histórico de Manaus. Desse modo, o trabalho enfatizou a interação entre os pesquisadores e os detentores, entendendo que os agentes envolvidos não são meros informantes, mas protagonistas na definição de suas referências culturais.

Referências são edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as consideradas mais belas, são as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o que popularmente se chama de raiz de uma cultura. (BRASIL, 2000)

Assim, adotaram-se prioritariamente as técnicas denominadas “mapas de percepção”, “observação participante” e “entrevistas temáticas”. Para abordagem dos mapas de percepção, foi necessário antes uma compreensão de como se daria a dinâmica para sua construção. Então, utilizaram-se os grupos focais como proposta metodológica de investigação. Essa metodologia é derivada das entrevistas grupais, cuja finalidade é coletar informações por meio das interações entre os indivíduos participantes. Os grupos focais constituem-se em “[...] pequenos grupos de pessoas

reunidos para avaliar conceitos ou identificar problemas [...]”, (CAPLAN, 1990 *apud* DIAS, 2000, p.3).

Os grupos focais foram organizados considerando como determinante a relação dos integrantes com o território, suas atuações, constituição enquanto grupo já consolidado ou de formação induzida e notoriamente a sua faixa etária – priorizando, quando possível, aqueles moradores mais antigos – características que contribuiriam para o levantamento de percepções do centro histórico. Nesse sentido, procurou-se reunir quem, em potencial pôde, por meio da abordagem proposta, representar narrativas gráficas das memórias, da imaginação e dos universos de sentido, que têm hoje como testemunho as referências culturais do Centro Histórico de Manaus. (TRAD, 2009).

Pensar o social através de suas representações é, a nosso ver, uma preocupação contemporânea do nosso fim de século, balizada pela crise dos paradigmas explicativos da realidade que pôs em xeque a objetividade e a racionalidade das leis científicas no domínio das ciências humanas (PESAVENTO, 1995 p. 280).

Desse modo, como forma de apreender dados de memórias, vivências, percepções e apropriações sociais, utilizamos como instrumento a construção de mapas que consiste em uma atividade com a função de gerar representações que, por sua vez, se traduzem em dados de natureza qualitativa e quantitativa para a visualização e classificação de percepções visando: catalogação, análise e organização de informações, não necessariamente com precisão geográfica, o que demonstra como certos bens culturais se introduzem e se articulam no imaginário coletivo (PESAVENTO, 1995 p.280).

A dinâmica dos mapas de percepção, aliada ao conceito de referência cultural, tem o objetivo de identificar bens culturais produzidos, reproduzidos e apropriados pela comunidade de detentores sem, no entanto, estabelecer distinções entre “tipos” de patrimônio cultural.⁴ Partindo dessas

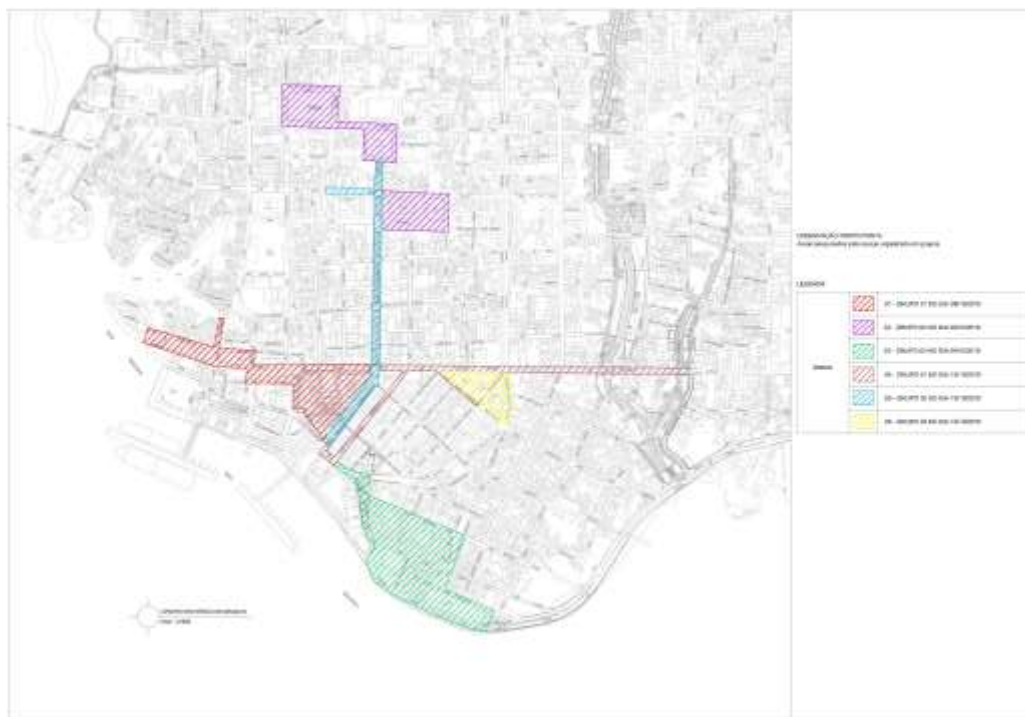
⁴ Tanto as políticas públicas, quanto diversas abordagens conceituais sobre o patrimônio cultural, distinguem múltiplas categorias. Patrimônio Material e Patrimônio Imaterial são, talvez, as mais recorrentes dessas categorias. No entanto, hoje em dia, é seguro afirmar que todo Patrimônio Material é dotado de uma certa imaterialidade (valores, significados, narrativas, memórias) sem a qual perderia seu valor. Por outro lado, o Patrimônio Imaterial também é composto por materialidades associadas às práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas. (BLACH, 2019, 2020). Nenhum bem tem valor em si mesmo, nem mesmo o valor artístico, estético, pois todo processo de valoração resulta necessariamente de uma atribuição humana que parte de subjetividades e objetividades intrínsecas a experiência cotidiana. Assim, apesar das distinções entre essas duas categorias de Patrimônio Cultural, é amplamente difundido na literatura acadêmica contemporânea que, os aspectos materiais e imateriais do patrimônio cultural são essencialmente complementares e indissociáveis. (CASTRIOTA, 2009; FONSECA, 2000).

concepções, as oficinas de mapas de percepção são atividades nas quais os detentores expressam as formas particulares de apropriação que fazem de suas referências culturais, independente delas terem, ou não, passado por um processo oficial de patrimonialização. Esse raciocínio pode ser associado a dois conceitos distintos que se relacionam: memórias dissidentes e memórias hegemônicas. As memórias hegemônicas são aquelas versões de um determinado passado, construídas e reconstruídas pelas instituições de memória, tais como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), as políticas públicas de patrimônio cultural, os arquivos, os museus, entre outros. As memórias dissidentes estão associadas às construções e reconstruções do passado realizadas por agentes de uma memória não oficial, tais como as comunidades locais e, no caso desta pesquisa, os detentores. (PINTO, 2011; GNECCO, ZAMBRANO, 2000).

A livre expressão e formulação de um mapa, contendo referências ao território, à história, aos bens edificados, espaços públicos e privados, às práticas sociais, aos costumes, às festividades e a tudo mais que as intencionalidades, a imaginação e a memória puderem acessar no momento de sua confecção, permite um olhar privilegiado a respeito de como o grupo investigado constrói sua memória e sua própria identidade. As formas de representar as apropriações sociais por meio de mapas de percepção evidenciam as produções simbólicas de um grupo. Assim como as obras de arte, literatura, cinematografia, música, todas essas produções são a materialização do imaginário social. Entende-se, desse modo, que o imaginário é suporte para as representações sociais, o que estabelece uma “consciência social”. (CARVALHO, 2002).

Assim, o reconhecimento dos múltiplos olhares dos grupos sociais indica que, nesse processo de normatização, os discursos e narrativas são fundamentais para respeitar aquilo que o próprio grupo "pensa" e como atribui valor aos objetos e bens da cidade. Assim, independente dos bens culturais representados nos mapas serem reconhecidos por uma política oficial de patrimônio cultural por meio de um discurso histórico e identitário “pré-determinado” por essa mesma política, a metodologia deste trabalho busca reconhecer, enquanto resultado dessas memórias dissidentes, as referências culturais definidas pelos próprios detentores.

Mapa 2: Mapa dos percursos realizados pelos pesquisadores



Fonte: Acervo da Superintendência do Iphan no Amazonas.

Já a observação participante é um roteiro de investigação que se dá pela imersão nas formas costumeiras de viver de um grupo social. Por meio dessa metodologia, compreende-se a importância da presença do cientista no local investigado, o que lhe permite, a partir de sua experiência de imersão em um território cultural, apreender formas de apropriação, o imaginário, as representações e conhecimentos locais. Nesse sentido, uma abordagem participante de pesquisa como método, precisa penetrar na “forma de vida” que constitui a população pesquisada, enfim, considerando o exercício de “estar lá” (GEERTZ, 2008, p.14).

Os mapas de percepção e entrevistas informais realizadas em campo, durante a própria observação, serviram como bússola, direcionaram a concentração de áreas de conteúdo simbólico, ou seja, as narrativas de uma cidade invisível que só se revela na experiência cotidiana. Os lugares percorridos pelos sete pesquisadores foram selecionados a partir dos monumentos, bens edificados, trajetos, circuitos que mais testemunham, segundo as narrativas dos interlocutores, sistemas mentais do passado e solicitam uma relação perceptiva, mas também fabuladora, misturando os tempos presente e passado, histórias individuais às coletivas (MAPA 2).

Por fim, de forma complementar às metodologias descritas anteriormente, utilizou-se da técnica de entrevista individual temática e semiestruturada para detalhar e aprofundar as informações levantadas a partir dos mapas de percepção e da observação participante. Essas metodologias subsidiaram indicações de pessoas consideradas informantes-chave, ou seja, pessoas dotadas de conhecimento das particularidades do fenômeno/situação em estudo ou do universo pesquisado. Esses informantes-chave ganharam importância para serem entrevistados individualmente. Esta etapa da pesquisa representou o objetivo de “[...] conseguir informações ou coletar dados que não seriam possíveis somente através da pesquisa bibliográfica e da observação [...]” (BONI; QUARESMA, 2005 pp. 71-72).

Assim, para a realização e a análise das entrevistas, utiliza-se da metodologia das fontes orais tal como é apresentada por Lucília de Almeida Neves Delgado (2010) e Gwyn Prins (1992). Adotou-se a técnica de entrevistas temáticas semiestruturadas, como metodologia de abordagem aos entrevistados. Buscou-se direcionar os questionários para os problemas formulados a partir do objeto de pesquisa, sem, no entanto, perderem-se de vista novas possibilidades de formulação de problemas que emergiram no decorrer das próprias entrevistas.

A análise das entrevistas procurou compreender, por meio de comparações, em que medida as percepções dos entrevistados em suas falas corroboram ou contradizem as demais fontes produzidas. Desse modo, não se estabeleceu uma relação hierárquica entre os tipos de fontes, pois as fontes orais “[...] corrigem as outras perspectivas, assim como as outras perspectivas as corrigem [...]” (PRINS, 1992, p.166). Além disso, como destacam os autores acima mencionados, as entrevistas temáticas pressupõem a análise de desdobramentos e vínculos entre múltiplos indivíduos envolvidos no processo abordado pelo tema. É neste sentido que se buscou entrecruzar as falas de entrevistados de diferentes esferas sociais.

A pesquisa foi realizada entre julho de 2019 e fevereiro de 2020. Os meses de julho e agosto foram dedicados à elaboração do projeto de pesquisa; em setembro foi realizada a parte logística com os agendamentos das oficinas de mapas de percepção e aplicação das demais metodologias adotadas.;

janeiro e fevereiro foram reservados para a escrita do relatório final que irá compor o Processo de Normatização do Centro Histórico de Manaus⁵ e, oportunamente, o presente artigo.

Os mapas de percepção em construção

A aplicação da metodologia dos mapas de percepção resultou em 31 mapas produzidos em 8 oficinas realizadas no período de agosto a dezembro de 2019, sendo consultados os seguintes grupos: Técnicos do Iphan-AM (oficina realizada em 22/08/2019), Moradores da Ilha de São Vicente (oficina realizada em 23/10/2019), Estagiários do Museu da Cidade de Manaus (oficina realizada em 25/10/2019), Artífices da Secretaria de Estado da Cultura do Amazonas –SEC (oficina realizada em 22/10/2019), Mestres de Capoeira do Amazonas (oficina realizada em 14/10/2019), Moradoras do entorno do Teatro Amazonas (oficina realizada entre os dias 02 e 06/12/2019), Membros da Associação Comercial do Amazonas –ACA (oficina realizada em 04/12/2019) e Pesquisadores do Centro Histórico de Manaus (oficina realizada em 08/10/2019).

No total, 79 pessoas participaram das oficinas de mapas de percepção. Por meio da análise dos mapas produzidos, foram identificadas 73 referências culturais e seus respectivos atributos descritos pelos detentores.

Observação Participante

Dois dias de observação participante foram realizados, sendo o primeiro no dia 9 de outubro e o segundo no dia 16 do mesmo mês. Aproximadamente 53 pessoas foram abordadas pela equipe de pesquisa por meio de conversas informais. A equipe dividiu-se em três grupos no decorrer da atividade, alguns dos locais visitados foram: as praças Antônio Bittencourt (do Congresso), 5 de Setembro (da Saudade), 15 de Novembro (da Matriz), Torquato Tapajós (dos Remédios), Dom Pedro II, Heliodoro Balbi (da Polícia) e São Sebastião (Praça e Largo), as avenidas Eduardo Ribeiro e Sete de Setembro, as ruas 10 de Julho, Frei José dos Inocentes e Bernardo Ramos. Foram, aproximadamente, 13 horas de observações e conversas que resultaram em 9 relatórios produzidos individualmente por todos os integrantes da equipe.

Entrevistas Temáticas

⁵ Processo nº 01490.000695/2017-74 no Sistema Eletrônico de Informações (SEI) do Iphan.

Por fim, as entrevistas individuais foram realizadas entre os dias 23 de outubro e 4 de dezembro de 2019, em que 4 pessoas foram consultadas usando-se a metodologia proposta. São elas: as senhoras Nazaré e Fátima (moradoras antigas da Ilha de São Vicente, entrevista realizada em 23/10/2019); a senhora Ilza Garcia (moradora da área do entorno do Teatro Amazonas, entrevista realizada em 04/12/2019); e o professor Dr. Otoni Mesquita (renomado pesquisador do Centro Histórico de Manaus, entrevista realizada em 19/10/2019). Aproximadamente 8 horas de relatos foram registrados e, posteriormente, analisados e parcialmente transcritos, resultando em três relatórios.

Identificando as referências culturais manauaras e suas qualidades

O propósito deste trabalho não foi o de inventariar todos os bens culturais e/ou todos os lugares do Centro Histórico de Manaus. No entanto, foi possível percorrer, a partir das narrativas dos detentores, roteiros que permitiram vivenciar algumas das experiências urbanas cotidianas de apropriação do Centro Histórico de Manaus. Sem, contudo, esgotar as formas e múltiplas possibilidades dessas experiências.

As narrativas dos detentores apresentam um repertório visual dos habitantes da cidade, ligando-os às suas experiências afetivas ou momentos significativos de suas vidas. Os bens, de modo geral, são apropriados e carregados de sentido. Segundo Freire (1997), as narrativas apresentam particularidades plenas de sentido, memórias individuais encontram suporte e podem abrir espaço à imaginação criadora e à fantasia. Os olhares sobre o Centro de Manaus permitiram constatar que o ato de enxergar a cidade não se trata somente de uma percepção visual, mas também, da interiorização de eventos e práticas culturais do passado, reconduzidos ao presente por meio da memória e experimentados e vividos cotidianamente. (ROUANET, 1992, p. 50).

Ao fazermos a leitura das narrativas, compreendemos que elas possuem consonâncias entre si, constituindo o que Cristina Freire (1997) definiu como rede imaginária, a partir da recorrência de respostas que discorrem sobre atributos e qualidades dos lugares, sendo neste trabalho agrupados em categorias de apropriação social.

Assim, a partir desses levantamentos foi possível identificar 73 referências culturais, com diferentes graus de repetição nos mapas (índice valioso da importância que essas referências apresentam na memória social) e com atributos distintos que justificaram a escolha desses bens. No

contexto desta pesquisa, entende-se por atributos o conjunto de características positivas⁶ que os próprios detentores definiram como inerentes às referências culturais representadas em seus mapas. A partir da análise e interpretação desses atributos, elaborou-se um conjunto de 8 categorias de apropriação social, denominadas aqui como qualidades⁷, que foram associadas a cada bem cultural, conforme as narrativas e descrições dos detentores.

1. Beleza paisagística: a beleza paisagística apoia-se em aspectos subjetivos dos detentores: o “gosto”, a concepção pessoal daquilo que é considerado belo e resulta da apropriação e percepção individual e coletiva de uma paisagem. Alguns dos atributos descritos pelos detentores que levaram à elaboração da qualidade foram: paisagem bonita, paisagismo, paisagem, paisagem natural, estética, arte pública, apreciação e proximidade com o Rio e com a natureza, dentre outros.

2. Circuito cultural: os circuitos culturais são representados por eixos estruturantes de processos sociohistóricos e contemporâneos de atribuição de identidades que se dão por meio do uso, dos percursos, da criação de roteiros e narrativas no traçado da cidade, representativo das transformações urbanas ocorridas no período do ciclo da borracha. Alguns dos atributos descritos pelos detentores que levaram à elaboração da qualidade foram: história e memória da cidade, de povos nativos e de comunidades afrodescendentes; elemento estruturante do traçado urbano, referência, fácil localização, dentre outros.

3. Conforto térmico: espaços que se caracterizam por boas condições de adaptabilidade ao clima local, oferecendo boa ventilação, sombras, coberturas e arborização, o que resulta em uma temperatura agradável. Expressa-se a partir de uma condição mental que denota satisfação em relação ao ambiente. Alguns dos atributos descritos pelos detentores que

⁶ Os aspectos considerados negativos também foram registrados durante os levantamentos. No entanto, como o objetivo aqui almejado foi o de fornecer dados para se definir o que de fato deve ser conservado, mediante política pública de Patrimônio Cultural, no Centro Histórico de Manaus, os esforços ficaram concentrados em definir as qualidades que devem ser mantidas e potencializadas. Caberá em pesquisas futuras mapear e analisar também, os problemas identificados.

⁷ Entende-se como categorias de apropriação social, repertórios das narrativas que mais se repetiram, constituindo, desse modo, a identidade de setores, de vias e eixos estruturantes, de praças, de monumentos e edificações e das vivências do centro histórico. Assim, esse trabalho, ao ser integrado a análise de cunho arquitetônico (morfológico) que é realizada em paralelo por equipe técnica do Iphan-AM, visando a normatização do Centro Histórico de Manaus, equipara-se o termo de categorias de apropriação ao de qualidades, sendo esse último de mais fácil associação.

levaram à elaboração da qualidade foram: clima, arborização, ventilação, sombras, local bom/gradável para se sentar e conversar, dentre outros.

4. Espaço de recordação: espaços que estão associados a práticas culturais, edificações e espaços públicos cuja apropriação dos atributos se perdeu devido a rupturas e transformações nos hábitos, costumes, tradições e/ou no arruinamento e extinção da própria materialidade. Alguns dos atributos descritos pelos detentores que levaram à elaboração da qualidade foram: apreciação estética do espaço vazio e da ruína, beleza e paisagem da ruína, dentre outros.

5. Lugar de memória: referências culturais tomadas em conjunto ou isoladamente que são portadoras de narrativas de memórias hegemônicas ou dissidentes. Fazem referência à identidade nacional e local mediante diferentes formas de apropriação⁸. Alguns dos atributos descritos pelos detentores que levaram à elaboração da qualidade foram: espaço/lugar de memórias afetivas, história e memória da cidade, história e memória de povos nativos e de comunidades afrodescendentes, popularidade, reconhecimento local, lugar de encontros, resistência popular, manifestações políticas, dentre outros.

6. Monumentalidade: define o protagonismo que um determinado bem cultural exerce na paisagem cultural, sendo referido por sua apreciação estética, pelo destaque na organização e distribuição ordenada dos elementos urbanos, pela referência à memória e à identidade, configurando-se um marco histórico e espacial. Alguns dos atributos descritos pelos detentores que levaram à elaboração da qualidade foram: marco visual da cidade, ponto de referência, destaque na paisagem, marco histórico, dentre outros.

7. Unidade de Conjunto: espaços que se caracterizam pela conservação e predominância de elementos representativos da produção urbana e arquitetônica. Fazem referência à memória e identidade locais, associadas ao período econômico do ciclo da

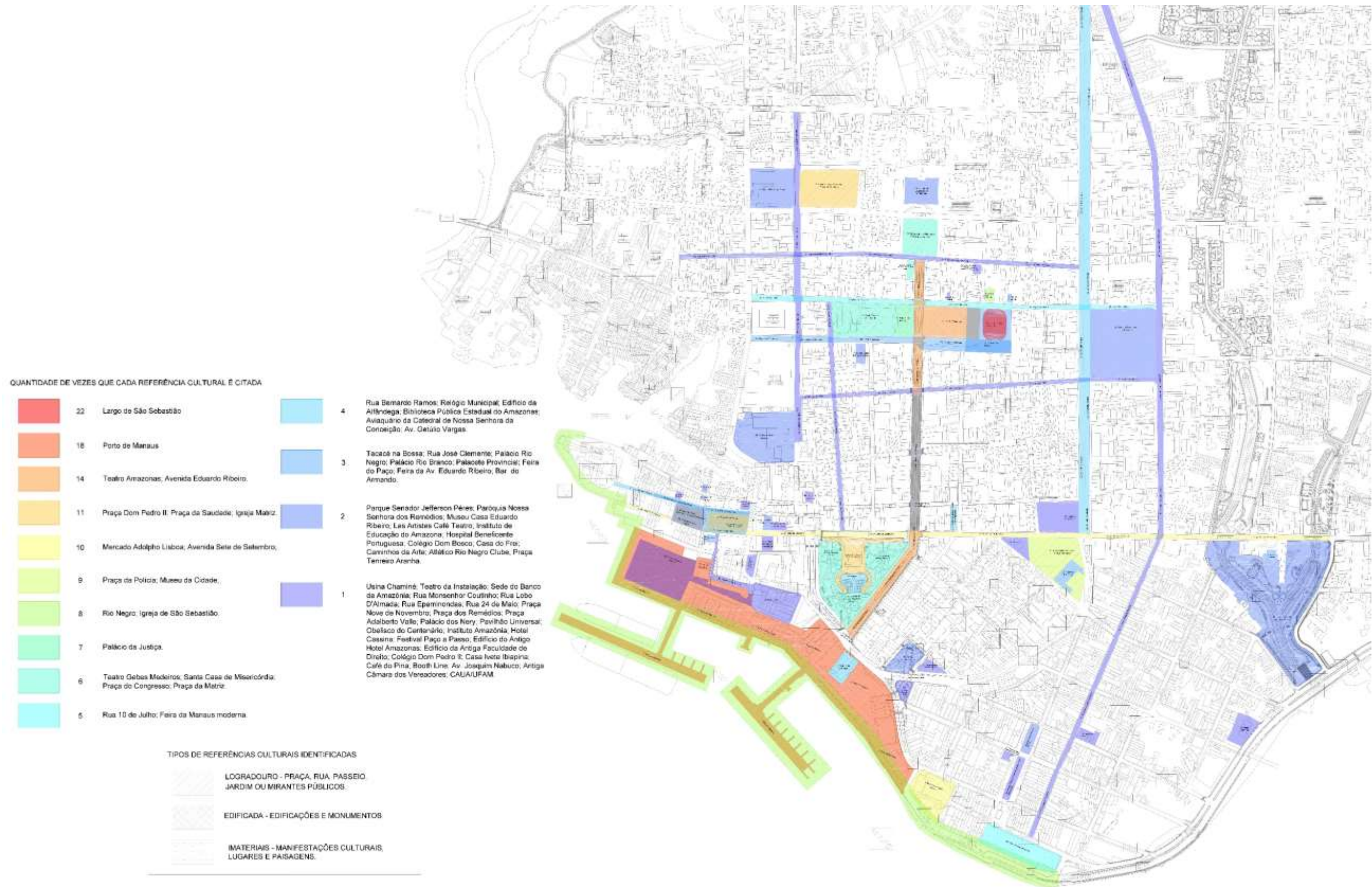
⁸ Pierre Nora (1993) percebe uma ruptura cada vez mais veloz entre o passado e o presente e uma aproximação entre a memória e o esquecimento. O autor também defende que a cultura é dotada de uma intensa dinâmica que se acelera cada vez mais e assim, da incapacidade de “habitarmos nossa memória” surge à necessidade de atribuir-se lugares a ela. O conceito de lugar de memória acrescido das sugestões de Ricœur (2007) engloba o aspecto material, simbólico e funcional do lugar, ou seja, o espaço em si, sua representação e sua função social. Desse modo, apropria-se desse conceito em um sentido mais amplo que agrega ao termo as mediações de Paul Ricœur (2007), considerando ainda a articulação com as categorias já discutidas de memória hegemônica e memória dissidente.

borracha. Alguns dos atributos descritos pelos detentores que levaram à elaboração da qualidade foram: unidade e gabarito do conjunto arquitetônico, edifícios conservados, prédios e casas antigas, dentre outros.

8. Vitalidade: a vitalidade dos espaços está associada à presença e ao fluxo de pessoas, a possibilidade de uso e de permanência, bem como a qualidade desse uso: habitar, caminhar, observar a paisagem, sentar-se, interagir com outras pessoas, divertir-se de diversas formas e em diversos locais, olhar vitrines, pechinchar preços, entrar e sair de espaços públicos e privados (permeabilidade), segurança passiva e ativa, vivenciar práticas culturais, ter experiências gastronômicas. Enfim, a vitalidade urbana está ligada com a intensidade, qualidade e riqueza da apropriação dos espaços. (SABOYA, 2016). Alguns dos atributos descritos pelos detentores que levaram à elaboração da qualidade foram: segurança, uso, convívio, interação social, socialização, lazer, manifestações culturais e festividades, musicalidade, gastronomia, turismo, espaço propício para eventos, recreação, comércio, bem-estar, intercâmbio cultural, dentre outros.

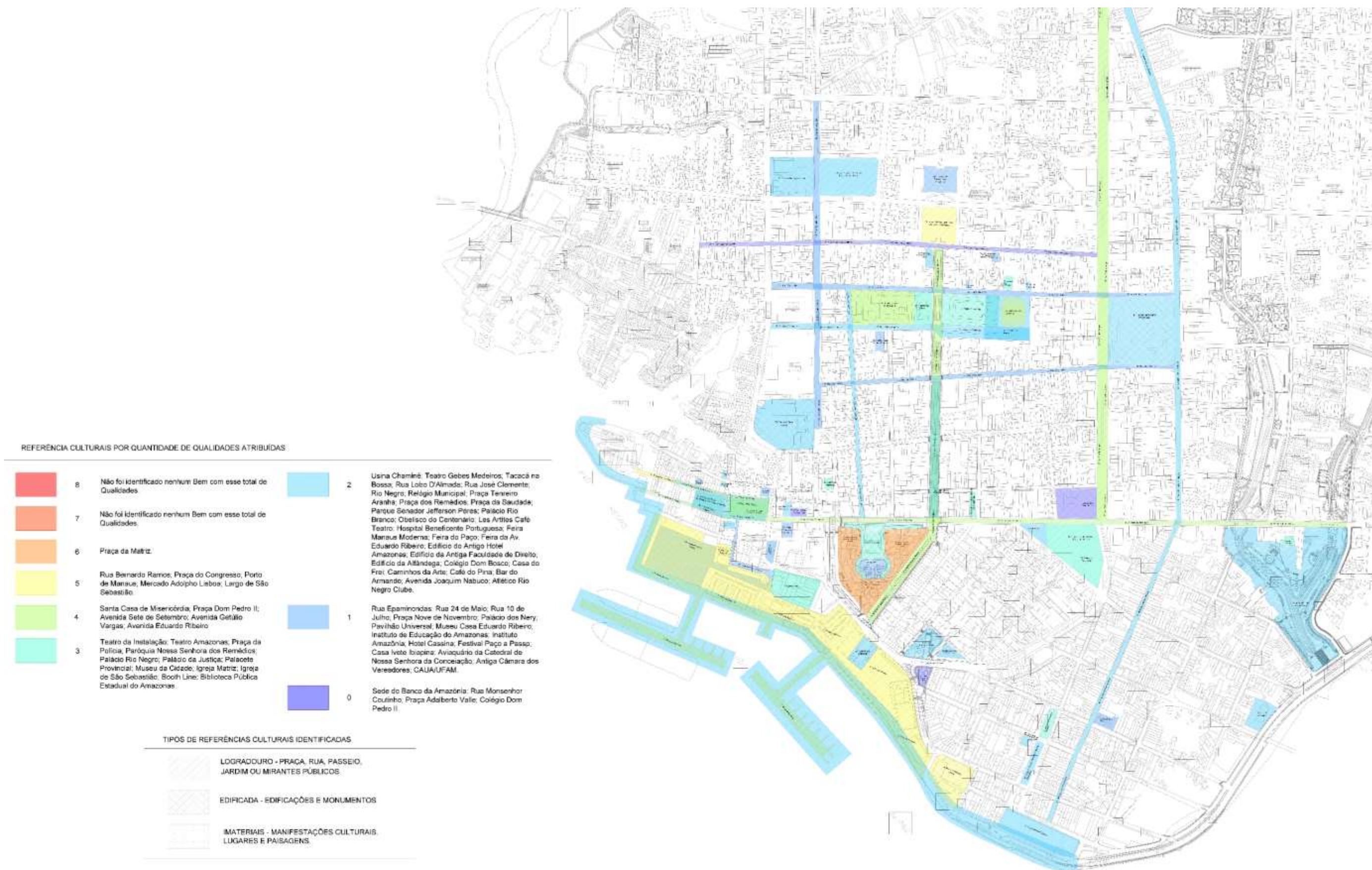
Assim, mediante a elaboração desses conceitos, baseados nos resultados da aplicação da metodologia, construíram-se os mapas e a tabela a seguir, representando as referências culturais identificadas e suas respectivas qualidades, inferidas a partir da análise dos atributos descritos pelos detentores.

Mapa 3: Referências Culturais no Centro Histórico de Manaus e frequência que foram representadas nos mapas



Fonte: Acervo da Superintendência do Iphan no Amazonas.

Mapa 4: Referências Culturais no Centro Histórico de Manaus e a quantidade de qualidades atribuídas



Fonte: Acervo da Superintendência do Iphan no Amazonas.

Tabela 1: Qualidades ordenadas por número de vezes que foram atribuídas aos bens

Nº	Qualidade	Bens associados	Atrib.
01	Lugar de memória	Largo de São Sebastião, Porto de Manaus, Av. Eduardo Ribeiro, Teatro Amazonas, Praça Dom Pedro II, Igreja Matriz, Praça da Saudade, Mercado Adolpho Lisboa, Av. Sete de Setembro, Museu da Cidade de Manaus, Praça da Polícia, Igreja de São Sebastião, Praça da Matriz, Praça do Congresso, Santa Casa de Misericórdia, Teatro Gebes Medeiros (Antigo Ideal Clube), Feira Manaus Moderna, Rua 10 de Julho, Rua Bernardo Ramos, Biblioteca Pública Estadual do Amazonas, Edifício da Alfândega, Relógio Municipal, Palacete Provincial, Palácio Rio Negro, Bar do Armando, Feira da Av. Eduardo Ribeiro, Feira do Paço, Rua José Clemente, Tacacá na Bossa, Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, Atlético Rio Negro Clube, Caminhos da Arte, Casa do Frei, Hospital Beneficente Portuguesa, Les Artistes Café Teatro, Instituto de Educação do Amazonas, Teatro da Instalação, Avenida Joaquim Nabuco, Café do Pina, Edifício da Antiga Faculdade de Direito, Edifício do Antigo Hotel Amazonas, Obelisco do Centenário, Praça Tenreiro Aranha, Praça dos Remédios, Rua Lobo D'Almada, Instituto Amazônia, Praça Almirante Tamandaré, Rua 24 de Maio, Rua Epaminondas.	49
02	Vitalidade	Largo de São Sebastião, Porto de Manaus, Av. Eduardo Ribeiro, Teatro Amazonas, Praça Dom Pedro II, Igreja Matriz, Mercado Adolpho Lisboa, Av. Sete de Setembro, Museu da Cidade de Manaus, Praça da Polícia, Igreja de São Sebastião, Praça da Matriz, Praça do Congresso, Feira Manaus Moderna, Biblioteca Pública Estadual do Amazonas, Palacete Provincial, Palácio Rio Negro, Bar do Armando, Feira da Av. Eduardo Ribeiro, Feira do Paço, Tacacá na Bossa, Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, Atlético Rio Negro Clube, Caminhos da Arte, Casa do Frei, Les Artistes Café Teatro, Parque Senador Jefferson Péres, Teatro da Instalação, Café do Pina, Rua Lobo D'Almada, Usina Chaminé, Casa Ivete Ibiapina, Casa Monsenhor, Centro de Artes da Universidade Federal do Amazonas – CAUA/UFAM, Festival Paço a Passo.	35
03	Monumentalidade	Teatro Amazonas, Igreja Matriz, Mercado Adolpho Lisboa, Museu da Cidade de Manaus, Rio Negro (Orla, encontro das águas, relação cidade-rio, paisagem), Igreja de São Sebastião, Santa Casa de Misericórdia, Biblioteca Pública Estadual do Amazonas, Edifício da Alfândega, Relógio Municipal, Palacete Provincial, Palácio Rio Negro, Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, Colégio Dom Bosco, Hospital Beneficente Portuguesa, Booth Line, Teatro da Instalação, Edifício da Antiga Faculdade de Direito, Edifício do Antigo Hotel Amazonas, Obelisco do Centenário, Usina Chaminé, Antiga Câmara dos Vereadores, Hotel Cassina, Pavilhão Universal, Palácio dos Nery.	25
04	Beleza paisagística	Largo de São Sebastião, Porto de Manaus, Av. Eduardo Ribeiro, Praça Dom Pedro II, Mercado Adolpho Lisboa, Rio Negro (Orla, encontro das águas, relação cidade-rio, paisagem), Praça da Polícia, Praça da Matriz, Praça do Congresso, Santa Casa de Misericórdia, Rua Bernardo Ramos, Rua José Clemente, Parque Senador Jefferson Péres, Booth Line, Av. Joaquim Nabuco, Praça Tenreiro Aranha, Praça dos Remédios.	17
05	Conforto térmico	Largo de São Sebastião, Praça Dom Pedro II, Mercado Adolpho Lisboa, Praça da Polícia, Praça da Matriz, Praça do Congresso, Rua Bernardo Ramos.	7
06	Espaço de recordação	Praça da Saudade, Aviaquário da Catedral Nossa Senhora da Conceição, Santa Casa de Misericórdia, Teatro Gebes Medeiros (Antigo Ideal Clube), Colégio Dom Bosco, Booth Line, Praça Nove de Novembro.	7
07	Círculo cultural	Porto de Manaus, Av. Eduardo Ribeiro, Av. Sete de Setembro, Praça do Congresso, Rua Bernardo Ramos.	5
08	Unidade de conjunto	Largo de São Sebastião, Porto de Manaus, Av. Sete de Setembro, Praça da Matriz, Rua Bernardo Ramos.	5

Conforme apontado anteriormente, foram identificadas 73 referências culturais nos 31 mapas produzidos (Figura 1), sendo que se destacaram, pela quantidade de vezes que foram referenciadas, o Largo de São Sebastião (22 vezes), o Porto de Manaus (18 vezes), a Av. Eduardo Ribeiro (14 vezes), o Teatro Amazonas (14 vezes), a Praça Dom Pedro II (11 vezes), a Catedral Metropolitana de Manaus Nossa Senhora da Conceição - Igreja Matriz (11 vezes), a Praça Cinco de Setembro - Praça da Saudade (11 vezes), o Mercado Adolpho Lisboa (10 vezes), a Av. Sete de Setembro (10 vezes). Todos esses locais aparecem em mais de 32% dos mapas, chegando a 71% no caso do Largo de São Sebastião.

Figura 1: Mapa de percepção realizado por um dos grupos de Mestres e Artífices da SEC-AM



Fonte: Acervo da Superintendência do Iphan no Amazonas.

No que se refere ao número de qualidades (dentre as 8 definidas a partir dos atributos descritos pelos detentores), destacou-se aquelas referências culturais que tiveram 50% ou mais das qualidades associadas: a Praça da Matriz (6 qualidades), a rua Bernardo Ramos (5 qualidades), a

Praça do Congresso (5 qualidades), o Porto de Manaus (5 qualidades), o Mercado Adolpho Lisboa (5 qualidades), o Largo de São Sebastião (5 qualidades), a Santa Casa de Misericórdia (4 qualidades), a Praça Dom Pedro II (4 qualidades), a Av. Sete de Setembro (4 qualidades), a Av. Getúlio Vargas (4 qualidades) e a Avenida Eduardo Ribeiro (4 qualidades).

Já as qualidades que mais foram atribuídas às referências culturais foram: lugar de memória (49), vitalidade (35), monumentalidade (25), beleza paisagística (17). Notam-se indícios da importância que é dada pela população aos lugares que representam uma memória histórica da cidade, seja ela construída a partir dos discursos oficiais (denotando o grau de penetração e aceitação desses discursos) ou das próprias narrativas afetivas, pessoais e de contra usos.

Esses números também revelam a relevância que é dada para a possibilidade de uso, ocupação e permanência nos espaços da cidade. A **vitalidade** urbana dos lugares onde essa qualidade se manifesta, de fato, é recorrente na fala dos entrevistados, sempre no sentido de apontar também a necessidade da difusão por outros locais que não a detêm. Um exemplo notório disso é a Praça da Saudade, que aparece como um **espaço de recordação** (7) sobretudo porque, precisamente, a qualidade da **vitalidade** se perdeu. Os demais bens associados à categoria de **espaço de recordação** seguem a mesma lógica da Praça da Saudade. São locais importantes porque permanecem pujantes em uma memória ainda viva da comunidade, mas que, no entanto, as qualidades outrora associadas se perderam. Em alguns casos, são lugares que foram descaracterizados de seu uso e apropriação social, em outros, bens culturais em condição de ruínas ou cuja materialidade se perdeu em sua totalidade como o Aviaquário da Praça da Matriz.

Cabe destacar que o centro ainda é um lugar muito apreciado por sua **beleza paisagística** e que os monumentos que se destacam como marcos visuais e históricos são amplamente notados e referenciados como componentes significativos dessa paisagem. Adiante, as qualidades de **conforto térmico** (7), **circuito cultural** (5) e **unidade de conjunto** (5) são menos referenciadas, no entanto, isso não configura um menor grau de importância. Pelo contrário, os números e categorias revelam o potencial que certas áreas têm de se tornarem referências em qualidade urbana.

Conforme relatado, a pesquisa aqui apresentada objetivou produzir, organizar, sistematizar e analisar dados a respeito da apropriação social do Centro Histórico de Manaus, enquanto bem cultural objeto de salvaguarda das políticas públicas de patrimônio cultural, visando ao processo de

normatização e gestão compartilhada desse lugar. Os dados quantitativos aqui apresentados servem como um indício das referências culturais mais importantes, mais queridas e mais lembradas pelos detentores. As análises podem e devem ser aprofundadas por outras pesquisas complementares.

O fato de existir referências culturais que não foram memoradas, ou que apareceram em menor número de vezes nos mapas, não significa que tenham menor valor, menor reconhecimento ou não tenham sido apropriadas pela população. Alguns referenciais associados à paisagem urbana, não raramente, são naturalizados na percepção dos habitantes de determinado território remetendo a um processo de valorização tão profundo que a presença/existência do bem é dada como algo natural, consolidado, endêmico do lugar. Sobre essa constatação, Cristina Freire (1997) apropria-se do olhar de Walter Benjamin. Benjamin, ao narrar o mapa da sua memória sobre as cidades em que viveu, descreve os lugares com base nas lembranças que lhe são mais significativas. A autora chama atenção para o fato de que, nas narrativas de Walter Benjamin, o seu corpo se mistura à cidade e os mapas têm um conteúdo afetivo. Os monumentos e obras podem conter sentimentos íntimos e lembranças individuais. Nesse sentido, a cidade mistura-se à vida de seus habitantes.

Apoderar-se da imagem de sua cidade significa flagrar sua própria imagem. O mapa da memória do eu e o mapa da cidade se sobrepõem, não é possível desenhar um sem o outro. (BOLLE, Willi *apud* FREIRE, Cristina, p. 74, 1997).

A cidade e o corpo misturam-se, considerando partes da cidade tão parte da própria vida e do corpo. As narrativas de Walter Benjamin contribuem para uma primeira reflexão sobre a relação dos indivíduos com a cidade. O mesmo tipo de percepção que não consegue desmembrar a vida da cidade pode ser observado na canção Toada de Manaus, do Grupo musical Raízes Caboclas.

Toda cidade se habita
Como lugar de viver
Só Manaus é diferente
Nessa maneira de ser
Pois invés de morar nela
É ela que mora na gente

A cidade, na narrativa dessa canção, confunde-se com a própria condição de ser. A cidade é tão intrínseca aos cidadãos que não é externa ao indivíduo, ela “mora na gente”. (MENEZES, 2018). No entanto, assim como partes do corpo, que pelo hábito nem sempre se observa ou dá-se a devida atenção na sua integralidade, a menos que se sinta alguma dor ou comprometimento de alguma competência e habilidade a esta parte atribuídos, existem partes da cidade que também não são

lembradas. Segundo Freire (1997), a relação com a cidade faz com que os monumentos deixem de ser vistos, sendo notados mais pela ausência, pela constatação de sua falta, quando se criam espaços vazios. De acordo com Ceniuel (1994), estes "sistemas de representação" conformam um todo tão fortemente enraizado no cotidiano das pessoas - independente da configuração espacial do seu meio ambiente - que certas partes são sentidas como algo "natural", como parte componente dele mesmo, sem necessariamente mencioná-los. Existiria, assim, um curioso processo de leitura do espaço urbano, caracterizado pela forma "natural" como se incorporam as imagens da paisagem às narrativas de percepção ou não dos seus habitantes.

Assim, as abordagens realizadas constataram que alguns espaços, monumentos e casarios que compõem o cenário ou paisagem do Centro não são tão facilmente vistos ou descritos nas narrativas dos interlocutores consultados. Tendo sido dada maior ênfase aos edifícios, às vias e às praças públicas. Ainda assim, é notório que – e essa pesquisa revela precisamente isso - há um processo de apropriação social, simbólico, afetivo, limitado e fragmentário dos lugares, sendo alguns imbuídos de maior relevância na memória e na autobiografia. Contudo, a forma com a qual as qualidades aqui descritas foram estruturadas conceitualmente garantem o entendimento de que qualquer bem, com talvez apenas uma ou duas qualidades associadas, representa os valores ligados ao tombamento do Centro Histórico de Manaus, ou seja, é dotado de valor histórico e paisagístico, fazendo referência à identidade e à cultura local e nacional.

Foi interessante observar como as percepções sociais sobre o Centro, dez anos após ao tombamento, revelaram como a população assimilou, definiu ou reconheceu como legítimo território cultural, a poligonal apresentada pelo Iphan no passado. As referências culturais representadas pelos detentores mantiveram uma grande sintonia com o recorte inicial adotado pelo órgão, tanto geograficamente quanto historicamente (ciclo da borracha, *belle époque*, ecletismo).

Ao buscar-se apreender a percepção e a apropriação dos indivíduos sobre os lugares, identificou-se a relação de pertencimento com o território⁹, por meio de múltiplas narrativas ligadas

⁹ Território não é pensado aqui como base física de sustentação locacional e ecológica, de zona urbana, ou juridicamente institucionalizado, do Estado Nacional ou de jurisdição de municípios, mas um comportamento humano espacial (SACK, 1986), resultante de uma construção social de significados atribuídos aos espaços. Segundo Haesbaert (2004), território é base material e simbólica que coopera para construção identitária. Para o autor, 'território' é uma das principais referências para o 'imaginário social' e dimensão histórica de uma sociedade. Por isso, a confecção de Mapas de Percepção pelos moradores e por aqueles que consomem e circulam pelos espaços do centro, pode sugerir as formas que

ao uso cotidiano e às memórias, sejam elas memórias hegemônicas ou dissidentes. As pessoas dão sentido ao lugar criando seus próprios mapas da cidade, suas próprias continuidades e descontinuidades históricas, pessoais, locais, regionais ou nacionais.

Um bom exemplo de apropriação espontânea, que foge ao ordenamento estruturado pelo planejamento urbano, mas que tem sua própria lógica de ocupação e uso, é a que os vendedores ambulantes e camelôs fazem do Centro de Manaus. Um verdadeiro contra uso da cidade que, apesar de resultar em diversos problemas urbanos, contraditoriamente, é o que de fato mantém a vitalidade do centro como um todo, uma das qualidades mais apreciadas pela população. O conjunto dos mapas de percepção, entrevistas e observações participantes traduziram uma retórica do caminhar e reinvestiram os espaços de antigos e novos sentidos atribuídos aos lugares do Centro Histórico.

Considerações Finais

Algumas indagações que orientaram essa investigação, sugerindo eixos teóricos e metodológicos foram: quais são as referências culturais presentes no Centro de Manaus definidas pela própria população? Como se dá a apropriação dessas referências e daquelas previamente definidas pelas políticas públicas de patrimônio cultural? Quais são os valores associados a esses bens? Quais as qualidades que esses bens “do passado” emprestam para o presente da cidade e que devem ser conservadas?

No fundo, o desejo deste trabalho foi de captar aspectos que vão além do lugar preciso, quantificado, mapeado, objetivo, para apreender os olhares e as formas de percepção e apropriação, compreendendo os sistemas simbólicos pessoais do que é “extraterritório”, que excede e supera representações cartesianas, racionais de poligonais, entornos e discursos de tombamento. (FREIRE, 1997). Concluiu-se nesta pesquisa que não é tão simples fazer uma imersão nesse universo, pois nem sempre é facilmente localizável ou revelado, exigindo uma atenção especial do pesquisador:

Uma atenção às paisagens interiores, relacionadas aos espaços externos, carregadas, portanto, de sentido simbólico. Trata-se de uma topografia de metáforas ou arqueologia poética. (FREIRE, 1997, p. 109).

um determinado grupo social se apropria dos espaços e atribuem a eles referências a sua identidade coletiva, ou seja, o que eles mesmos definem como Centro Histórico, seus usos, lugares que o compõe, o que o caracteriza, o que qualifica e sua delimitação espacial.

Assim, a partir de um olhar atento, a equipe buscou experimentar aquilo que os interlocutores narraram, estando nos lugares, apropriando-se dos objetos, investindo os olhares de fantasia e imaginação. Esse exercício permitiu constatar e desconstruir algumas impressões sobre o lugar, como a de falta de homogeneidade e desorganização social dos espaços urbanos centrais que, na verdade, são imbuídos de suas próprias lógicas culturais e sociais que rompem com certos objetivos específicos imputados pelo planejamento urbano, responsável por condicionar os usos, os significados e as apropriações. A diversidade estética e de apropriações foram evidenciadas no Centro de Manaus, os olhares revelaram a relação dos habitantes com a cidade, que foge ao uso funcional imediato. Foi por meio dos contra usos do patrimônio que foi possível perceber como as pessoas compreendem suas próprias referências culturais e definem suas qualidades.

A interação promovida com os detentores possibilitou compreender os atributos que, em suas percepções, definem ou caracterizam suas próprias referências, enfim, que justificam as suas escolhas ao defini-las. Posteriormente, esses atributos foram analisados e agrupados no sentido de definir quais as qualidades do Centro Histórico de Manaus que de fato devem ser conservadas enquanto patrimônio cultural no processo de “fazer a cidade”. As metodologias que foram desenvolvidas visaram contribuir para o entendimento da relação territorial, temporal e afetivo dos grupos sociais com suas referências culturais. Assim, foi possível revelar os potenciais existentes no Centro a partir de sua apropriação pelas pessoas que dele fazem uso cotidiano, apresentando qualidades que podem nortear ações de planejamento urbano para melhoria dos espaços sem incorrer em rupturas drásticas ou negativas nas vivências atuais.

Portanto, o resultado deste levantamento também possibilitou dimensionar, mesmo que superficialmente, o grau de penetração do discurso oficial sobre patrimônio cultural no processo de definição das referências culturais pelos detentores, possibilitando um movimento dialético entre o que é definido “de cima” e o que/como é “apropriado” ou “subvertido” pelos “de baixo” revelando também, os contra usos do patrimônio Cultural em Manaus. Os resultados da aplicação dessa metodologia revelam uma hierarquia de valores e o grau de protagonismo dos bens culturais, definidos pelos próprios detentores, em suas memórias e narrativas.

Por fim, é importante lembrar que toda pesquisa é caracterizada também por lacunas, seja pela indisponibilidade de fontes para dar respostas aos questionamentos levantados; seja pelas

escolhas feitas pelos pesquisadores a fim de atender certo cronograma ou recorte temático. Aqui as lacunas são exemplificadas, sobretudo, pelo curto espaço de tempo para realizar o levantamento de dados. Tendo sido iniciado em outubro de 2019, com previsão de finalização em novembro, prorrogado até dezembro. Além do mais, as conclusões, afirmações e as “verdades científicas” expressas como resultados do trabalho devem ser consideradas a partir de seu contexto de produção. O modo particular com que se representa a realidade pesquisada, nesse trabalho, resulta então, das condições de produção que se pretendeu explicitar ao máximo no próprio texto. O sentido desse esforço é o de que esse trabalho possa ser retomado, ampliado, aprofundado, questionado, refutado, enfim, compreendido dentro de seu contexto de criação. Sendo assim, algumas das lacunas identificadas no decorrer da própria pesquisa estão descritas nesse artigo e outras certamente passaram despercebidas, mas poderão ser trabalhadas futuramente por outros pesquisadores, ou pelos que aqui atuaram.

Referências bibliográficas:

BLACH, Matheus Cássio. O IPHAN na contemporaneidade: a ampliação do conceito de patrimônio cultural pós-1970. **Patrimônio Cultural Cidade e Memória**, 2019. Disponível em <<https://www.patrimoniocultural.com.br/blog/o-iphan-na-contemporaneidade-a-ampliação-do-conceito-de-patrimônio-cultura>> Acesso em: 15 fev. 2020.

BLACH, Matheus Cássio. **Patrimônio Natural & Desenvolvimento Sustentável: história, conceitos e estudo de caso**. Timburi/SP: Cia do Ebook, 2020.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *In Em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol.2 n°1, janeiro-julho 2005 p.68-60.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação**. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. – Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, João Eduardo Coin de. Imaginário e representações sociais. *In Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis: EDUFSC, Especial Temática, p.25-33, 2002.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CENIQUEL, Mario. Paisagem Urbana, cenário e percepção: A noção de memória como componente metodológica do projeto. In: **Paisagem Ambiente Ensaios** São Paulo, n.6, p.85-133, 1994.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. O que a micro-história tem a nos dizer sobre o regional e o local? **Revista de História Unisinos**. Vol. 8 n° 10 JUL/DEZ 157-17 2004.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIAS, Cláudia Augusto. Grupo Focal: Técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. In: Revista **Informação & Sociedade: Estudos** v. 10, n.2, 2000, p. 141-158

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências Culturais: base para novas políticas de patrimônio *in* BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação**. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. – Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

FREIRE, Cristina. **Para além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: Sesc: Annablume, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**- 1º Ed. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. Tradução: Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, p. 143-179, 1989.

GNECCO, Cristóbal; ZAMBRANO, Marta. **Memorias Hegemônicas, Memorias Disidentes: El Pasado Como Política De La Historia**. Bogotá: Universidad del Cauca, 2000.

IPHAN. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Departamento do Patrimônio Material e Fiscalização. **Tombamento do Centro Histórico de Manaus**. Brasília, 2010.

MENEZES, Mauro Augusto Dourado. “Eu canto pra falar do Amazonas”: narrativas musicais de uma geração de músicos de Manaus. In: **14º Encontro Internacional de Música e Mídia** - São Paulo - SP ISBN: 978-85-62959-54-7, 2018. Disponível em: <<https://www.doity.com.br/anais/trabalhos-completos-14musimid/trabalho/79758>>.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dezembro de 1993.

PINTO, Alejandra Aguilar. A patrimonialização da memória social: uma forma de domesticação política das memórias dissidentes ou indígenas? In: **Revista Ciências Sociais**. Unisinos, São Leopoldo, Vol.47, N 3, p.273-283, set/dez/ 2011.

PRINS, Gwyn. História Oral. in BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. Tradução de Magda Lopes 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

RICÉUR, Paul. **A Memória a História o Esquecimento**. Tradução: Alain François [et al.] – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROUANET, Sérgio Paulo. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? História Material em Walter Benjamin “Trabalho das Passagens” In: **Revista USP**, N° 4, p. 50, 1992

SABOYA, Renato T. de. Fatores morfológicos da vitalidade urbana – Parte 1: Densidade de usos e pessoas. **Arch Daily**, 2016. Disponível em < <https://www.archdaily.com.br/br/798436/fatores-morfologicos-da-vitalidade-urbana-nil-parte-1-densidade-de-usos-e-pessoas-renato-t-de-saboya>> Acesso em: 26 fev. 2020.

SACK, Robert David. Human Territoriality: its theory an history. Cambridge University Press, 1986.

TEIXEIRA, Luana. Lugares. *in* BRASIL. Ministério da Cidadania. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Dicionário do Patrimônio Cultural**. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/30/lugares>>

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde In: **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2009.